



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF HUGO DAVID ARAUJO

**MOVIMENTO E MANOBRA DO BATALHÃO DE INFANTARIA DE
SELVA NO COMBATE DE RESISTÊNCIA**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF HUGO DAVID ARAUJO

**MOVIMENTO E MANOBRA DO BATALHÃO DE INFANTARIA DE
SELVA NO COMBATE DE RESISTÊNCIA**

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase na
Doutrina Militar Terrestre.

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Inf HUGO DAVID ARAUJO**

Título: **ALTERAÇÃO DO REGULAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO EXÉRCITO.**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase na Doutrina Militar Terrestre, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ **CONCEITO:** _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
ANTÔNIO HERVÉ BRAGA JÚNIOR - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão	
_____ 1º Membro	
FLÁVIO DE LACERDA DE OLIVEIRA - Maj 2º Membro e Orientador	

HUGO DAVID ARAUJO – Cap
Aluno

MOVIMENTO E MANOBRA DO BATALHÃO DE INFANTARIA DE SELVA NO COMBATE DE RESISTÊNCIA

Hugo David Araujo*
Flávio de Lacerda de Oliveira**

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo adaptar os conceitos relativos ao combate de Resistência do Batalhão de Infantaria de Selva aos novos fundamentos da Função de Combate Movimento e Manobra. Inicialmente serão apresentadas as atividades da Função de Combate Movimento e Manobra e em seguida as peculiaridades da região amazônica e da Estratégia de Resistência. Esses assuntos facilitarão a compreensão da análise dos resultados obtidos em questionário aplicados a especialistas no assunto. Para cada atividade do Movimento e Manobra será explorado o desenvolvimento das capacidades do Batalhão de Infantaria de Selva por intermédio de seus fatores determinantes (Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura). Esses conceitos serão adaptados às características de atuação da Força Principal em suas atividades: prontidão operativa, concentração estratégica, desdobramento, manobra tática, apoio de fogo orgânico e controle de área. Na conclusão do trabalho, o leitor terá condições de visualizar de que maneira o Batalhão de Infantaria de Selva, na função de combate Movimento e Manobra, poderá contribuir para a conquista de seus objetivos em sua Área de Responsabilidade em uma situação de Combate de Resistência. Por fim, serão realizadas algumas propostas: principais formas de emprego e articulação da Força Principal, apoio de fogo orgânico e oportunidades de melhoria para o desenvolvimento de suas capacidades plenas.

Palavras-chave: Movimento e Manobra, Combate de Resistência, Força Principal, Função de Combate, Selva, Amazônia.

ABSTRACT

The present research aims to adapt the concepts related to the Combat of Resistance of the Jungle Infantry Battalion to the new foundations of the Movement and Maneuver Combat Function. Initially the activities of the Movement and Maneuver Combat Function will be presented, followed by the peculiarities of the Amazon region and the Resistance Strategy. These subjects will facilitate the understanding of the analysis of the results obtained in a questionnaire applied to specialists in the subject. For each activity of the Movement and Maneuver will be explored the development of the capabilities of the Jungle Infantry Battalion through its determining factors (Doctrine, Organization, Dressage, Material, Education, Personnel and Infrastructure). These concepts will be adapted to the performance characteristics of the Main Force in its activities: operational readiness, strategic concentration, deployment, tactical maneuver, organic fire support and area control. At the conclusion of the work, the reader will be able to visualize how the Jungle Infantry Battalion, in the function of Movement and Maneuver combat, can contribute to the achievement of its objectives in its Area of Responsibility in a situation of Resistance Combat. Finally, some proposals will be made: main forms of employment and articulation of the Main Force, support of organic fire and opportunities of improvement for the development of its full capacities.

Keywords: Movement and Maneuver, Resistance Combat, Main Force, Combat Function, Jungle, Amazon.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2007.

** Major da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2003.

1 INTRODUÇÃO

Em plena Era do Conhecimento, e diante das novas ameaças que se apresentam contra os estados, os países hegemônicos têm repensado a forma de organizar e preparar suas forças militares, o que tem caracterizado a Revolução em Assuntos Militares (RAM). Nesse contexto, o Exército Brasileiro resolveu romper com o processo de evolução gradual, que vinha desenvolvendo, e adotar as mudanças necessárias ao alinhamento da Força Terrestre a esse novo ambiente, para isso, decidiu estrategicamente adotar o processo de Transformação do Exército (BRASIL, 2010).

Assim, resolveu adotar a Doutrina como vetor diretor do processo de transformação, e estabeleceu como conceito operativo da Força Terrestre as “Operações no Amplo Espectro”, que contemplam, dentre outros aspectos, a necessidade de desenvolver na Força Terrestre às capacidades que a possibilitarão operar todas as faixas do espectro dos conflitos, desde a situação de paz estável a situação de guerra, com estado de prontidão operativo durante todo o ano, o que trará a necessidade de alterar o desenvolvimento das competências, requeridas pelas novas capacidades dos Elementos do Poder de Combate Terrestre (BRASIL, 2010).

Os Elementos do Poder de Combate Terrestre representam a essência das capacidades que a F Ter emprega em situações – sejam de Guerra ou de Não Guerra. Os Elementos do Poder de Combate Terrestre são: Liderança, Informações e as Funções de Combate – Comando e Controle, Movimento e Manobra, Inteligência, Fogos, Logística e Proteção (BRASIL, 2013).

A Amazônia brasileira, em função da existência da maior reserva de água doce do mundo, das grandes reservas minerais e biodiversidade da região atrai a atenção e desperta cobiça internacional. Tal interesse poderá levar a uma ingerência militar estrangeira, configurando um quadro de conflito. Diante dessa ameaça e esgotados todos os recursos da Expressão Política, dissuasórios e após um possível insucesso da Estratégia da Defensiva, aplicar-se-á, como último recurso, a Estratégia da Resistência (BRASIL, 2014).

Nesse contexto, prepondera a necessidade da Força Terrestre de desenvolver e aperfeiçoar sua doutrina para a Estratégia de Resistência, com seu emprego orientado para a região amazônica.

Considerando que há necessidade de adaptar o combate de resistência ao processo de modernização do combate, ao implemento de novas tecnologias, aos

sistemas de vigilância e amplo emprego da informação na Era do Conhecimento, faz-se necessário uma renovação dos conceitos e atualização da doutrina militar terrestre.

1.1 PROBLEMA

No sentido de orientar a pesquisa e se aprofundar nessa temática, foi formulado o seguinte problema: Em que medida o Batalhão de Infantaria de Selva, na função de combate Movimento e Manobra, poderá contribuir para a conquista dos objetivos de sua Área de Responsabilidade em uma situação de Combate de Resistência?

1.2 OBJETIVOS

Essa pesquisa tem por objetivo adaptar os conceitos relativos ao combate de Resistência do Batalhão de Infantaria de Selva aos novos fundamentos da Função de Combate Movimento e Manobra.

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a. coletar uma pesquisa bibliográfica para levantar e elucidar as formas de emprego utilizadas nos conflitos de combate de Resistência;
- b. fazer um questionário a militares que participaram de exercícios de simulação de um Combate de Resistência, para levantamento das principais lições aprendidas e melhores práticas no emprego do Batalhão de Infantaria de Selva;
- c. analisar cada uma das atividades da função de combate movimento e manobra relacionadas a força principal do batalhão de infantaria de selva no combate de Resistência.
- d. levantar as principais formas de se obter vantagem relativa contra o inimigo numa situação de combate de resistência pelo Movimento e Manobra.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

No contexto da Transformação do Exército, com a formulação no nível tático-estratégico do Manual de Campanha EB20-MC-10.210 - Combate de Resistência, com conceitos alinhados a nova Doutrina Militar Terrestre, vê-se a necessidade de desenvolver no nível tático as competências e capacidades das funções de combate do Batalhão de Infantaria de Selva.

Diante dos novos desafios impostos pelos atuais cenários de emprego, contemplados pelas Operações no Amplo Espectro, há necessidade de repensar a geração de força por meio do desenvolvimento de novas competências, capacidades e o permanente estado de prontidão requeridos aos elementos da Força Terrestre da Era do Conhecimento, cujas estruturas sejam organizadas priorizando a flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade de suas soluções militares (ARAUJO, 2013).

Dessa forma, o presente estudo justifica-se por promover uma análise embasada em procedimentos científicos a respeito de um tema atual e de extrema importância para cumprir as metas do Processo de Transformação do Exército.

2 METODOLOGIA

No que tange ao Tipo de Pesquisa, o trabalho caracteriza-se por diversas classificações: quanto à Natureza, representa um conceito de Pesquisa Aplicada, que terá por objetivo a produção de conhecimentos que terão aplicação prática e serão dirigidos à solução de problemas reais específicos (NEVES E DOMINGUES, 2007).

Quanto à forma de abordagem, configura-se em uma Pesquisa Qualitativa valendo-se do Método Indutivo por meio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, compreenderá uma verdade geral ou universal para generalizar os resultados obtidos e concluir uma nova realidade. (LAKATOS; MARCONI, 2010)

Quanto ao Objetivo Geral, o trabalho representa uma Pesquisa Descritiva, utilizada para estabelecer relação entre variáveis e aumentar o conhecimento sobre as características de um problema (GIL, 2002).

Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizado um estudo bibliográfico em que teve livros e artigos científicos como base, e documental, que apesar de ser valer de documentos e arquivos sem tratamento analítico, foram úteis na conclusão da pesquisa. Serão utilizadas também técnicas de levantamento, seleção, fichamento e leitura analítica da bibliografia selecionada, a fim de contribuir para o processo de síntese e análise dos resultados de vários estudos. (GIL, 2002).

Ainda no parâmetro técnico, foi utilizada a pesquisa de campo com questionários a militares que servem ou serviram em Batalhões de Infantaria de Selva ou realizaram o Curso de Operações na Selva e que podem contribuir com o presente estudo.

A seleção das fontes de pesquisa foi baseada em publicações literárias, regulamentos do Exército Brasileiro, trabalhos acadêmicos das Escolas Militares e publicações em revistas e internet.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de definir conceitos, realizar a escrituração da pesquisa e, ainda, a fundamentação de um texto argumentativo para viabilizar a solução do problema da pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura nos seguintes moldes:

a. Fontes de busca

- Artigos científicos das revistas Giro do Horizonte (EsAO), Doutrina Militar Terrestre (EME) e Coleção Meira Matos (ECEME);

- Livros e monografias da Biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército;

- Manuais, outras publicações e sites oficiais do Exército Brasileiro

b. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicas

- Foram utilizados os seguintes termos descritores: *"Combate de Resistência, Movimento e Manobra, Batalhão de Infantaria de Selva, Funções de Combate, Amplo espectro dos conflitos, Nova Doutrina Militar Terrestre e Processo de Transformação do Exército"*, respeitando as peculiaridades de cada base de dados.

Após a pesquisa eletrônica, as referências bibliográficas dos estudos considerados relevantes serão revisadas, no sentido de encontrar artigos não localizados na referida pesquisa.

c. Critérios de inclusão:

- Estudos publicados em português, inglês ou espanhol, ligados ao tema.
- Estudos publicados de 2006 a 2016.
- Estudos qualitativos referentes ao Combate de Resistência.

d. Critérios de exclusão:

- Estudos com os modelos de pesquisa pouco definido e explicitado.
- Estudos publicados em datas anteriores a 2001.

Dessa forma, para melhor entendimento do trabalho, convém caracterizar alguns aspectos relevantes da Função de Combate Movimento e Manobra e conceitos do Combate de Resistência.

2.1.1 Função de Combate Movimento e Manobra

Conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados, empregados para deslocar forças, de modo a posicioná-las em situação de vantagem em relação às ameaças. Movimento é o deslocamento ordenado de forças visando ao cumprimento de uma missão, em condições nas quais não se prevê interferência do oponente. Manobra é o deslocamento de uma tropa que esteja em contato ou que tenha a previsão de contato com uma força oponente (BRASIL, 2013).

A Função de Combate Movimento e Manobra é responsável por moldar o espaço de batalha, procurando garantir efetividade e economia de meios na busca pelo Estado Final Desejado (BRASIL, 2014). Contribui para obter a superioridade, aproveitar o êxito alcançado e preservar a liberdade de ação, bem como para reduzir as próprias vulnerabilidades. Procura destruir a coesão inimiga por meio de variadas

ações localizadas e inesperadas (BRASIL, 2013).

No nível tático, a função de combate Movimento e Manobra compreende o gerenciamento de todas as ações necessárias para gerar, implantar, empregar e reverter uma força operativa terrestre. A sua efetividade está diretamente relacionada à capacidade de ser apoiada adequadamente e ser desdobrada no momento e local oportunos (BRASIL, 2013).

Compreende, portanto, um conjunto de atividades relacionadas ao emprego das forças operativas mediante a combinação do movimento, manobra, fogo e combate aproximado. Essas atividades são: Prontidão Operativa, Concentração Estratégica, Desdobramento, Manobra Tática, Apoio de Fogo Orgânico, Controle de Área, Mobilidade e Contramobilidade, Apoio ao Movimento e Manobra e Reversão (BRASIL, 2013).

2.1.2 Combate de Resistência

De acordo com o manual EB20-MC-10.210 – Combate de Resistência é o conflito armado em que nacionais de um país ocupado por outro país ou coligação de países, total ou parcialmente, lutam contra o poder de ocupação para restabelecer a soberania e a independência. As operações nesse ambiente se caracterizam pelo desenvolvimento de ações militares em um conflito prolongado, de caráter restrito, na maioria das vezes de baixa intensidade, onde normalmente empregam-se táticas e técnicas não convencionais e inovadoras. Visa a obter a vitória pelo enfraquecimento moral, físico e material do inimigo, por sua desarticulação estratégica e tática, além da obtenção do apoio político e da opinião pública interna e externa. Ressalta-se a necessidade de desgastar o inimigo, caracterizado como detentor de poder militar incontestavelmente superior. O mesmo que Guerra de Resistência.

O Brasil será vigilante na reafirmação incondicional de sua soberania sobre a Amazônia brasileira. Repudiará, pela prática de atos de desenvolvimento e de defesa, qualquer tentativa de tutela sobre as suas decisões a respeito de preservação, de desenvolvimento e de defesa da Amazônia. Não permitirá que organizações ou indivíduos sirvam de instrumentos para interesses estrangeiros – políticos ou econômicos – que queiram enfraquecer a soberania brasileira. Quem cuida da Amazônia brasileira, a serviço da humanidade e de si mesmo, é o Brasil (BRASIL, 2014).

A incontestável superioridade de meios de uma força invasora torna imprescindível a organização de nossas forças de forma não convencional, considerando as dificuldades de coordenação e controle, da limitação para manutenção do fluxo logístico contínuo e de se manter a tropa combatendo por tempo prolongado (BRASIL, 2014).

De acordo com o manual EB20-MC-10.210 - Combate de Resistência, a composição das atividades e tarefas relacionadas nas diversas Funções de Combate não é alterada. Entretanto, motivada pela descentralização dos escalões em operações, pela dificuldade de movimentos terrestre e aéreo, pelas grandes distâncias entre as instalações de comando e logística e pela dificuldade de utilização dos meios de comunicações convencionais haverá modificação nas técnicas, processos e meios empregados.

Apesar das Forças de Resistência se organizarem em Força Principal, Força de Sustentação¹ e Força Subterrânea², a abordagem se restringirá apenas à Força Principal, cerne da pesquisa.



FIGURA 1 – Forças de Resistência

A Força Principal é integrada por tropas regulares reforçadas para atuarem contra o Invasor como sistema de armas combinadas. Recebem preparação específica antes do seu emprego no Combate de Resistência com intensificação da preparação psicológica das frações que atuarão na Área de Resistência. A preparação técnica e tática deve ser conduzida visando a capacitar os combatentes que ficarão internados no meio da população, para atuarem como organização clandestina (BRASIL, 2014).

Com o objetivo de mitigar a vontade de combater do Invasor, a Força Principal deve estar preparada para atuar empregando as Técnicas, Táticas e Procedimentos da Guerra de Guerrilha, aplicando a surpresa e a agressividade ao máximo. Deve-se atuar em todos os lugares onde o invasor apresentar vulnerabilidades, desengajando-se rapidamente e retraindo para homiziar-se entre a população. Com o objetivo de

¹ Força de combate, na Guerra de Resistência, constituída por elementos da população civil para prestar apoio à Força Principal contra o Invasor, basicamente na área de serviços (BRASIL, 2014).

² Força de combate, na Guerra de Resistência, constituída por elementos da população, principalmente nas áreas urbanas ocupadas pelo invasor. Tem por missão causar dificuldades, danos, ou baixas no invasor (BRASIL, 2014).

evitar engajamento decisivo, tendo em vista a indiscutível superioridade de meios do invasor, buscará êxitos no nível tático, empregando dentre as ações, as emboscadas e incursões (BRASIL, 2014).

Adentrando às fases do Combate de Resistência observa-se na literatura quatro etapas bem definidas para atender aos objetivos estabelecidos para cada cenário. A divisão cronológica visa reunir de forma sistemática procedimentos gerais com características bem definidas. Assim, as fases serão:

TABELA 1 – Fases da Guerra de Resistência

FASE	DESCRIÇÃO
1ª FASE	Antes da Invasão ou Preparação da Resistência
2ª FASE	Durante a Invasão ou Resistência Inicial
3ª FASE	Após a Invasão ou Combate de Resistência
4ª FASE	Retirada do Invasor ou Restabelecimento da Presença do Estado na Área

Fonte: Brasil (2014)

2.1.3 Movimento e Manobra do Batalhão de Infantaria de Selva no Combate de Resistência

Com a finalidade de delimitar este estudo à uma percepção mais tangível, optou-se por uma abordagem analítica das Atividades da Função de Combate Movimento e Manobra no Combate de Resistência associadas a Força Principal oriundas do Batalhão de Infantaria de Selva.

TABELA 2– Atividades da Força Principal na Função de Combate Movimento e Manobra

Função de Combate	Atividade	Tarefas da Força Principal
Movimento	Prontidão Operativa	Concentração e Movimento da Força Principal
		Articulação das Forças
		Preparo das Forças Efetivo
Manobra	Desdobramento	Articulação das Forças e Integração com as demais Funções de Combate
		Capacidade Operativa
	Manobra Tática	Manobra
	Apoio de Fogo Orgânico	Fogos Orgânicos
	Controle de Área	Controle de Área pela Força Principal

Fonte: O autor

2.2 COLETA DE DADOS

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram de cunho bibliográfico e pesquisa de campo. Em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em livros, sites, manuais de campanha, dissertações e revistas científicas.

Na pesquisa de campo, a amostra escolhida para a resolução do questionário foi a de militares da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro com as seguintes características e qualificações específicas:

- Oficiais e sargentos de Batalhões de Infantaria de Selva;
- Oficiais instrutores do Centro de Instrução de Guerra na Selva; e
- Oficiais da divisão de doutrina do Centro de Instrução de Guerra na Selva.

A amostra selecionada não é probabilística e foi intencionalmente escolhida por conveniência do autor, visto que se trata de um grupo de pessoas que detêm conhecimento do assunto, de forma a contribuir com o estudo em foco. (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Como critérios de inclusão, os militares foram voluntários a participar do estudo.

A amostra ideal é a que reflete o conjunto em suas múltiplas dimensões (MINAYO, 2004). Desta forma, amostra constituída por oficiais e sargentos tem por finalidade buscar pontos de vista distintos sobre o objeto de estudo, visto que os oficiais são comandantes de fração e os responsáveis por conduzir a instrução e a fração, mas as praças são elementos fundamentais como monitores e assessores na execução das missões na tropa.

Inicialmente, o questionário pretendeu, de maneira objetiva, identificar as experiências dos militares no Combate de Resistência e sua familiaridade com o Ambiente Operacional de Selva. Objetivou também, compreender o período em que realizaram os exercícios voltados para a Estratégia de Resistência e quais funções exerceram.

Os elementos textuais apresentados como opção foram selecionados entre: Comandante de Fração Operacional, Integrantes de frações logística/apoio ao combate, Integrantes do Estado Maior e outros (agentes de direção de exercício e etc). A compreensão do momento e a função exercida foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, tendo em vista a evolução da doutrina de Resistência ao longo dos anos.

A segunda parte do questionário teve como proposta entender, na avaliação da amostra, os aspectos relativos às Atividades da Função de Combate Movimento e Manobra associadas às tarefas da Força Principal no Combate de Resistência. Os questionamentos foram realizados dentro de cada Atividade (Prontidão Operativa, Desdobramento, Manobra Tática, Apoio de Fogo Orgânico e Controle de Área), analisando o desenvolvimento de Capacidades plenas.

De acordo com o manual EB20-MF-10.102 - Doutrina Militar Terrestre, Capacidade é entendida como a aptidão de uma força para cumprir determinada missão ou tarefa e são adquiridas através de fatores determinantes que, juntos, formam o acrônimo DOAMEPI (Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação e Infraestrutura):

[...] a) Doutrina – este fator é base para os demais, estando materializado nos produtos doutrinários. Por exemplo, a geração de capacidades de uma Unidade inicia-se com a formulação de sua Base Doutrinária, que considera a gama de missões, atividades e tarefas que essa Unidade irá cumprir.

b) Organização (e Processos) – é expressa por intermédio da Estrutura Organizacional dos elementos de emprego da F Ter. Algumas capacidades são obtidas por processos, com vistas a evitar competências redundantes, quando essas já tenham sido contempladas em outras estruturas.

c) Adestramento – compreende as atividades de preparo obedecendo a programas e ciclos específicos, incluindo a utilização de simulação em todas as suas modalidades: virtual, construtiva e viva.

d) Material – compreende todos os materiais e sistemas para uso na F Ter, acompanhando a evolução de tecnologias de emprego militar e com base na prospecção tecnológica. É expresso pelo Quadro de Distribuição de Material dos elementos de emprego e inclui as necessidades decorrentes da permanência e sustentação das funcionalidades desses materiais e sistemas, durante todo o seu ciclo de vida (permanência no inventário da F Ter).

e) Educação – compreende todas as atividades continuadas de capacitação e habilitação, formais e não formais destinadas ao desenvolvimento do integrante da F Ter quanto à sua competência individual requerida. Essa competência deve ser entendida como a capacidade de mobilizar, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e experiências, para decidir e atuar em situações diversas. Dentre essas competências, ressalta-se o desenvolvimento da Liderança Militar, fator fundamental na geração das capacidades.

f) Pessoal – abrange todas as atividades relacionadas aos integrantes da força, nas funcionalidades: plano de carreira, movimentação, dotação e preenchimento de cargos, serviço militar, higidez física, avaliação, valorização profissional e moral. É uma abordagem sistêmica voltada para a geração de capacidades, que considera todas as ações relacionadas com o planejamento, a organização, a direção, o controle e a coordenação das competências necessárias à dimensão humana da Força.

g) Infraestrutura – engloba todos os elementos estruturais (instalações físicas, equipamentos e serviços necessários) que dão suporte à utilização e ao preparo dos elementos de emprego, de acordo com a especificidade de cada um e o atendimento a requisitos de exercício funcional (BRASIL, 2014, p.3-3).

Por fim, encerrando o questionário, os militares tiveram espaço para descreverem suas lições aprendidas e melhores práticas, o que possibilitou a captação de opiniões particulares e relatos de experiências vividas, o que ampliou consideravelmente o espectro da compreensão do objeto de estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção estão apresentados os resultados do questionário, devidamente tabulados e interpretados por meio de uma análise estatística descritiva e inferencial, bem como considerações advindas das experiências colhidas.

Inicialmente o questionário tinha por objetivo compreender a experiência vivida pelos militares da amostra, interpretando os dados obtidos pelas vivências e funções exercidas em atividades de Combate de Resistência.

Dos 122 militares da amostra, 25 eram oficiais superiores, 67 capitães, 27 tenentes e 3 Sargentos, conforme Gráfico 1.

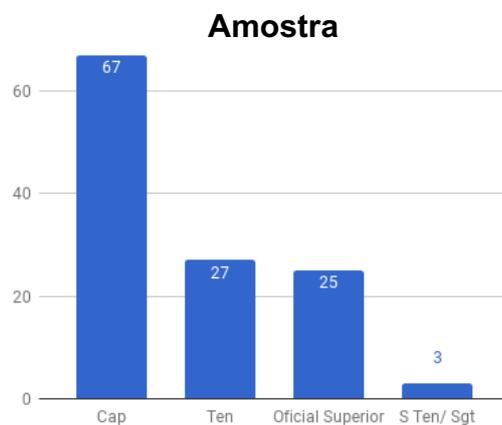


GRÁFICO 1– Posto e Graduação dos militares da amostra.

Fonte: O autor

Do total de participantes, 80,5% dos militares comandaram Frações Operacionais (Subunidade, Pelotão ou Grupo de Combate), 9,8% corresponde aos militares que integraram frações logísticas e/ou de apoio ao combate e 9,8% integravam Estado Maior de Batalhão de Infantaria de Selva, como apresentado no Gráfico 2.

Experiência da Amostra em Combate de Resistência

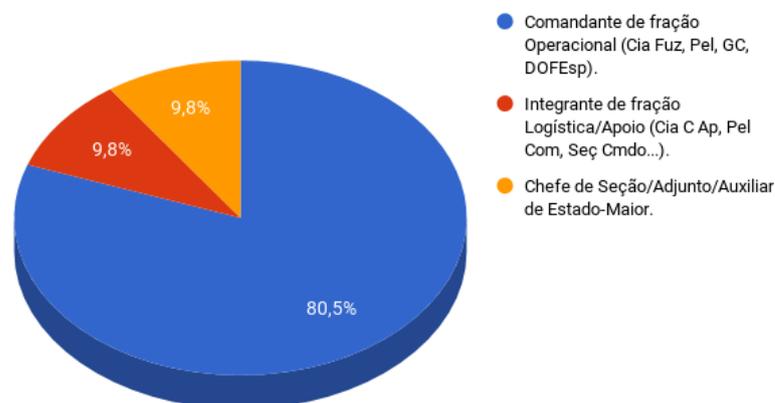


GRÁFICO 2– Experiência dos militares da amostra em Operações de Combate de Resistência.

Fonte: O autor

A segunda parte do questionário pretendeu avaliar aspectos doutrinários relativos às atividades da Função de Combate Movimento e Manobra no Combate de Resistência.

3.1 PRONTIDÃO OPERATIVA

Segundo o manual de campanha EB20-MC-10.203 – Movimento e Manobra, a Prontidão Operativa expressa uma capacidade de pronto atendimento da Força para fazer face às situações que podem ocorrer em um ambiente de combate. A prontidão operativa fundamenta-se na organização, no adestramento, na doutrina, nos meios e no profissionalismo das forças.

A organização da Força Principal nas Áreas de Combate de Resistência é constituída por elementos das tropas regulares das forças singulares, conforme o manual EB20-MC-10.210 – Combate de Resistência.

Em função da descentralização das ações e predominância das operações urbanas, a Força Principal estará articulada em Células de Combate de valor variado, de acordo com as dimensões e população da localidade (BRASIL, 2014). Dessa forma, a amostra foi questionada quanto ao menor escalão a ser empregado como Célula Independente de Combate da Força Principal, conforme Gráfico 3.

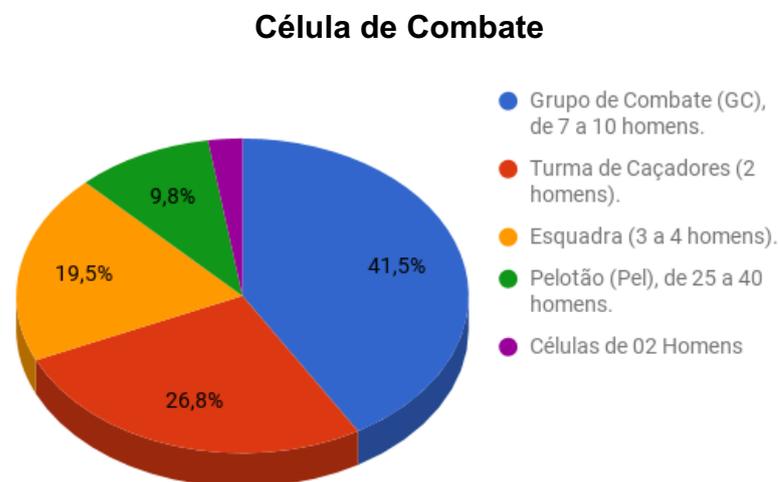


GRÁFICO 3– Menor escalão empregado em uma Célula da Força Principal – Articulação de Forças.
Fonte: O autor

Apesar de não apresentar um desvio absoluto, 41% da amostra considera que o Grupo de Combate (de 7 a 10 homens) seria o menor escalão a ser empregado como Célula de Combate da Força Principal. Outros 26,8% acreditam que a Turma de Caçadores (2 homens) seria a menor fração, contra 19,5% para a Esquadra (3 a 4 homens) e de forma menos expressiva o Pelotão de Fuzileiros (25 e 40 homens) e Células de 2 homens com 9,8% e 2,4%, respectivamente.

O que se pode deduzir é que apesar de haver uma tendência ao Grupo de Combate (de 7 a 10 homens), não há um valor fixo e outros fatores serão levados em consideração para a definição do efetivo das células para cada localidade.

Cabe ressaltar que quanto menor for o efetivo, maior a complexidade para se atender a todos os fatores determinantes para o desenvolvimento da Capacidade exigida e, tampouco a realizar a integração com as demais funções de combate.

Na questão subsequente, optou-se por avaliar a capacidade operativa do Grupo de Combate em efetivo e meios materiais para desencadear ações em pequenas localidades com eficácia, conforme o gráfico 4.

Capacidade Operativa do Grupo de Combate

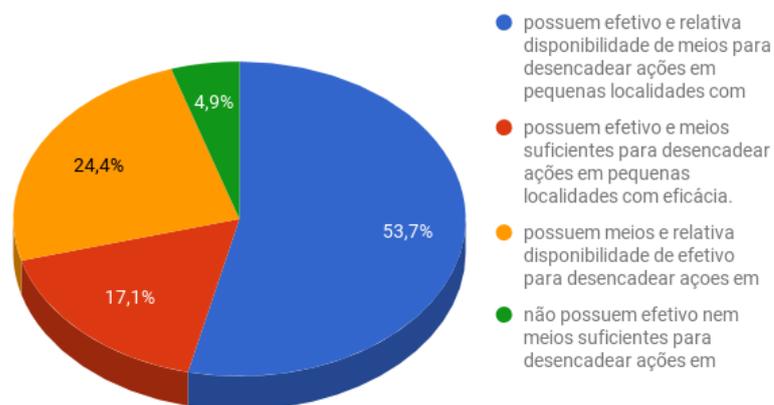


GRÁFICO 4– Capacidade Operativa do Grupo de Combate em efetivo e meios.

Fonte: O autor

No gráfico 4 pôde-se verificar que, para 53,7% dos militares da amostra, o Grupo de Combate possui efetivo e relativa disponibilidade de meios para desencadear ações em pequenas localidades com eficácia.

Observa-se, também, que 17,1% considera que o Grupo de Combate possui efetivo e meios suficientes.

Dessa forma, pelo menos 70,8% da amostra julgam o Grupo de Combate suficiente em efetivo e, no mínimo, relativa disponibilidade de meios para agir com eficácia.

Por outro lado, um número pouco significativo dos militares da amostra, somente 4,9%, acreditam que o Grupo de Combate não possui efetivo nem meios para desencadear ações com eficácia.

3.2 CONCENTRAÇÃO ESTRATÉGICA

A concentração estratégica reúne todas as tarefas relacionadas à ação estratégica militar de reunião dos meios operacionais na área de concentração estratégica, de onde devem se deslocar para a execução de operações ulteriores, dentro do Teatro de Operações (BRASIL, 2014).

Uma vez gerada a força, inicia-se o deslocamento estratégico desde as bases em território nacional até os pontos de embarque e destes, para as áreas de concentração estratégicas (BRASIL, 2014).

A região Amazônica caracteriza-se por sua grande extensão territorial, baixa densidade demográfica, precária rede de estradas e o isolamento de pequenas localidades ao longo dos rios. Dessa forma, devido suas características, serão utilizados três modais, aquaviário, terrestre e aéreo, priorizando o primeiro (BRASIL, 2014).

Dando prosseguimento ao questionário, a próxima pergunta trata da capacidade da Força Terrestre de se Mobilizar, Concentrar e Movimentar Forças na Região Amazônica para o emprego do Batalhão de Infantaria de Selva em uma situação de Combate de Resistência, conforme gráfico 5.

Mobilização, Concentração e Movimento



GRÁFICO 5– Capacidade da Força Terrestre de Mobilizar, Concentrar e Movimentar Forças na Região Amazônica.

Fonte: O autor

Analisando o Gráfico 5, pode-se observar que somente 9,8% da amostra considera que a Força Terrestre não está capacitada a Mobilizar, Concentrar e Movimentar Forças para o Combate de Resistência na Região Amazônica. Isso devido

a disposição das Brigadas de Infantaria de Selva e a ocupação estratégica de toda Região Norte do Brasil, com distribuição em toda faixa de fronteira com os Comandos de Fronteira e seus Pelotões Especiais de Fronteira.

Entretanto, 70,7% da amostra considera que, apesar de capacitada, há restrições para mobilização, concentração e movimentação de tropas para o emprego em uma situação de Estratégia de Resistência.

3.3 ADESTRAMENTO

O adestramento, segundo o manual de Doutrina Militar Terrestre, compreende as atividades de preparo obedecendo a programas e ciclos específicos, incluindo a utilização de simulação em todas as suas modalidades: virtual, construtiva e viva.

Dessa forma, como um dos fatores determinantes para o desenvolvimento de Capacidades, o adestramento da Força Principal é fundamental para o êxito em uma situação que leve a Estratégia de Resistência.

O gráfico 6 apresenta, dentro do ponto de vista da amostra, a situação do Preparo da Força Principal para o Emprego em Combate de Resistência.

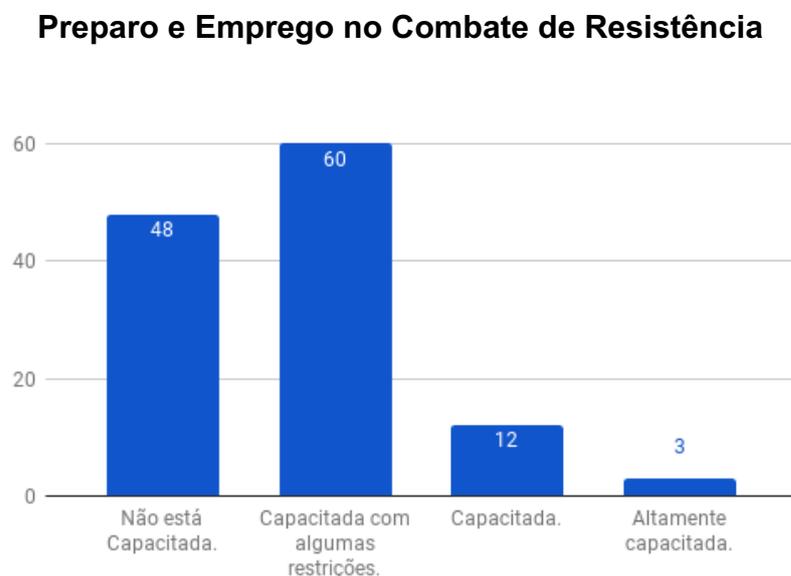


GRÁFICO 6 – Capacidade de Preparo da Força Principal para Emprego em Combate de Resistência.
Fonte: O autor

A partir das respostas apresentadas, pode-se observar que uma maioria expressiva, 108 militares (88% da amostra), acredita que, ou há restrições, ou que a tropa não está capacitada, no que tange ao adestramento, para o Combate de Resistência.

Ao serem questionados sobre a capacidade de durar na ação da Célula de Combate da Força Principal, a maioria (61% da amostra) considera que sua articulação permite sim a manutenção da capacidade operativa, 34,1% em partes e somente 4,9% acredita que não possui capacidade (Gráfico 7).

Capacidade Operativa

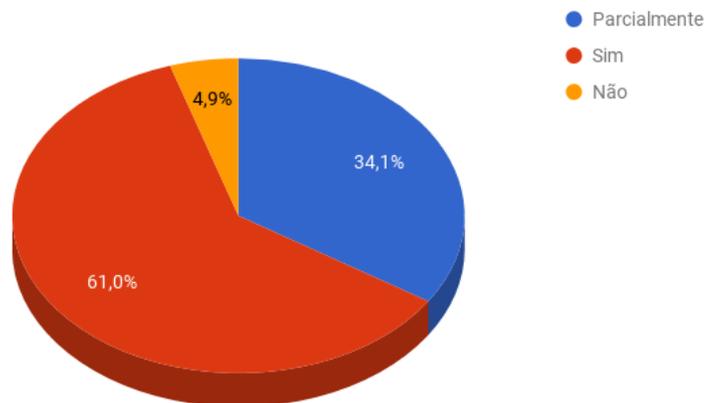


GRÁFICO 7 – A Articulação da força principal em células de combate independentes permite a manutenção da capacidade operativa durante todo o tempo (durar na ação), podendo aperfeiçoá-lo de acordo com a evolução do combate?

Fonte: O autor

3.4 INTEGRAÇÃO COM AS DEMAIS FUNÇÕES DE COMBATE

No nível tático, para executar uma operação militar é imprescindível desenvolver a funcionalidade de combater, ou seja, as funções de combate. O êxito das operações, a ser alcançado, deve considerar a conjugação e sincronização dessas funções de combate, e destas com níveis de planejamento operacional, estratégico e político (BRASIL, 2014).

Integração com as Funções de Combate

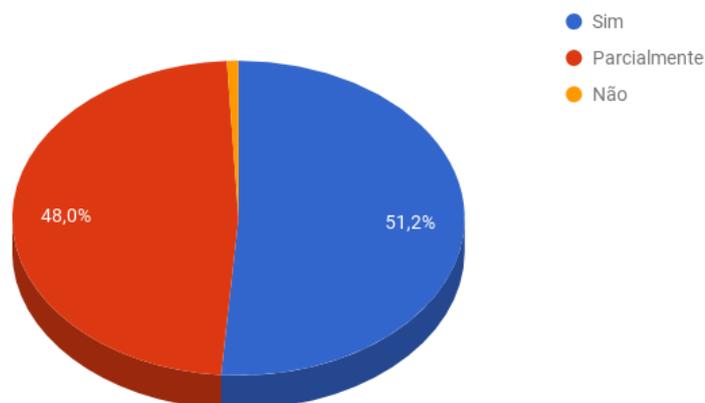


GRÁFICO 8 – A Articulação da força principal em células de combate independentes permite o cumprimento da missão com a integração com as demais Funções de Combate (Comando e Controle, Inteligência, Proteção, Fogos e Logística)?

Fonte: O autor

Diante do resultado exposto no Gráfico 8, apesar da divisão da amostra entre sim e parcialmente, 51,2% e 48% respectivamente, somente 0,8% da amostra considera que a articulação das células de combate permite o cumprimento da missão com integração com as demais Funções de Combate (Comando e Controle, Inteligência, Proteção, Fogos e Logística). Dessa forma, pode-se perceber, que apesar das limitações das pequenas frações, as demais funções de combate que representam a essência das capacidades empregadas em combate (BRASIL, 2013).

3.4 MANOBRA TÁTICA

A manobra tática representa o ápice da combinação do fogo, do movimento e da ação de choque. Ela engloba as tarefas que implicam o emprego das forças no campo de batalha por intermédio do movimento tático e fogos buscando alcançar uma posição de vantagem sobre as forças terrestres oponentes, para impor sua vontade sobre o inimigo e cumprir a missão (BRASIL, 2014).

Dessa forma, ao serem questionados se a articulação da força principal em células de combate independentes permite infligir baixas, destruir, confundir e desgastar o agressor, a grande maioria (94% da amostra) acredita que sim (Gráfico 9). Isso ressalta o emprego de pequenas frações, seja em ambiente urbano ou rural, com o predomínio de táticas de guerrilha e ações descentralizadas.

Manobra Tática

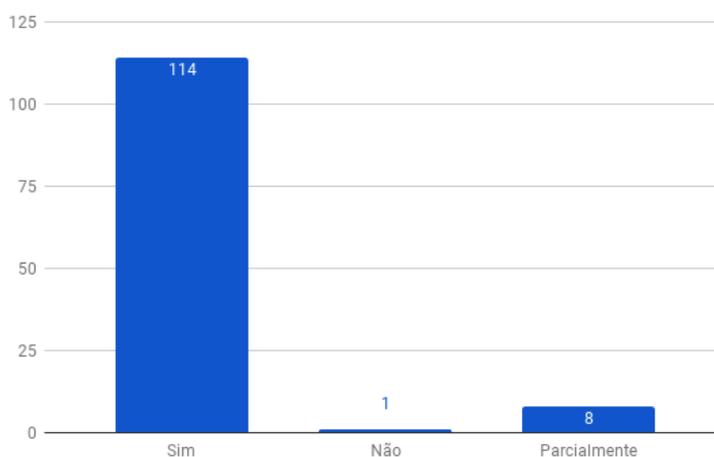


GRÁFICO 9 – A Articulação da força principal em células de combate independentes permite infligir baixas, destruir, confundir e desgastar o agressor?

Fonte: O autor

3.5 APOIO DE FOGO ORGÂNICO

Sem os fogos orgânicos, a manobra tática não teria resultado vitorioso, pois o desdobramento se resumiria basicamente no posicionamento das tropas. Por isso, uma manobra obtém sucesso quando combina adequadamente fogo e movimento (BRASIL, 2014).

Tendo em vista a internação da tropa em áreas urbanas com o emprego de técnicas de guerrilha, descaracterização das células de combate e com a necessidade de se misturar com a população a fim de dificultar os mecanismos de busca e identificação de alvos do agressor, a Força Principal deve utilizar métodos não convencionais para homiziar a tropa e suas armas de fogo orgânico. Dessa forma, surge o questionamento da viabilidade de se pré-posicionar as armas de apoio orgânico em depósitos secretos (cachês) para o sucesso da missão.

Apoio de Fogo Orgânico

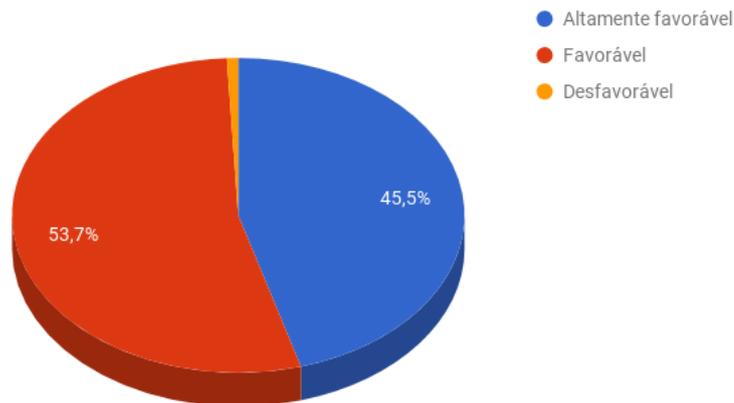


GRÁFICO 10 – O pré-posicionamento das armas de apoio de fogo orgânico em depósitos secretos (cachês) para o sucesso da missão.

Fonte: O autor

Fazendo uma análise do gráfico 10, pode-se observar que quase a totalidade (99,2% da amostra) se mostrou favorável a utilização de cachês para pré-posicionar as armas de fogo orgânico das células de combate.

3.6 CONTROLE DE ÁREA

A atividade de Controle de Área, que normalmente se aplica ao combate convencional, abrange as tarefas inerentes ao domínio do terreno, cuja posse é

necessária para o cumprimento da missão, por meio da observação, ocupação ou fogos, ao mesmo tempo em que impede as ações do oponente.

Ao serem questionados se a articulação da força principal em células de combate independentes favorece o Controle de Área, a amostra apresentou o seguinte resultado: 69,7% da amostra acredita que não, 13% parcialmente e 17,2% que não (Gráfico 11).

Dessa forma, pode-se verificar que os resultados corroboram com a expectativa tendo em vista as características das técnicas empregadas. Nesse caso, nas operações de resistência, espera-se que o agressor tenha a capacidade para realizar o controle de área e a atuação das forças incidirá em objetivos com atrativo operacional para o Invasor e que lhe assegurem o efetivo controle da área (BRASIL, 2014).

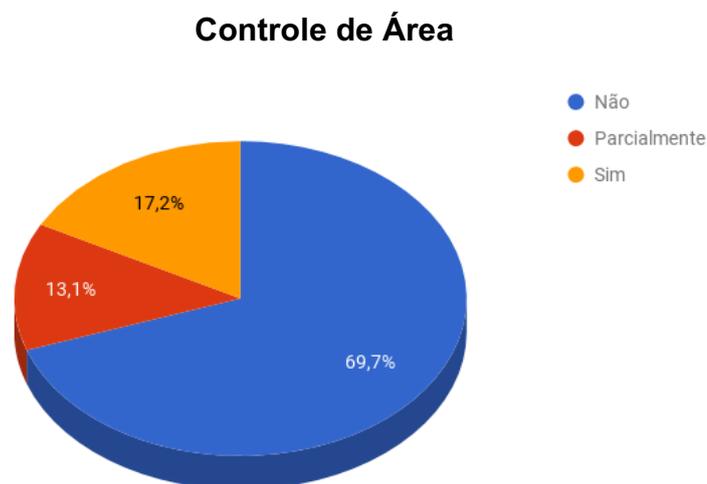


GRÁFICO 11 – A Articulação da força principal em células de combate independentes favorece o Controle de Área?

Fonte: O autor

3.7 EDUCAÇÃO

Por fim, com o intuito de verificar as impressões da amostra quanto a Educação, um dos fatores determinantes para o desenvolvimento das capacidades da Força Terrestre, foi realizado o questionamento quanto às instruções nas Escolas de Formação no que tange as técnicas, táticas e procedimentos em Combate de Resistência.

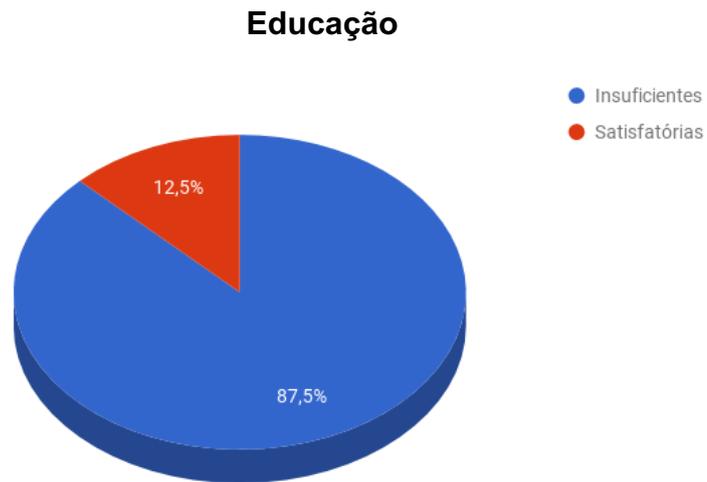


GRÁFICO 12 – Classificação das instruções de táticas, técnicas e procedimentos de Combate de Resistência ministradas nas escolas de formação.

Fonte: O autor

A partir das respostas fornecidas (Gráfico 12), é notório, na opinião da amostra (87,5%), a pouca importância dispendida nas instruções de táticas, técnicas e procedimentos de Combate de Resistência das Escolas de Formação do Exército Brasileiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, qual seja, adaptar os conceitos relativos ao combate de Resistência do Batalhão de Infantaria de Selva aos novos fundamentos da Função de Combate Movimento e Manobra, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido.

A revisão de literatura possibilitou estudar o desenvolvimento das Capacidades da Força Principal empregada no Combate de Resistência por intermédio de seus fatores determinantes (Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura) associadas às atividades da Função de Combate Movimento e Manobra (Prontidão Operativa, Desdobramento, Manobra Tática, Apoio de Fogo Orgânico e Controle de Área).

Com a compilação dos resultados da pesquisa de campo em consonância com os aspectos doutrinários examinados na revisão de literatura conclui-se que, em virtude das características da Estratégia de Resistência, sugere-se que a Força Principal deva ser articulada em Células de Combate Independentes com valor variável. A determinação do efetivo da tropa estará condicionada às dimensões e à população da localidade, além dos outros fatores da decisão. Entretanto, acredita-se que, para manter a capacidade operativa e uma integração entre as funções de combate plenas, é interessante que o valor da Célula de Combate não seja inferior a um Grupo de Combate, salvo em circunstâncias que assim exigirem.

Com o intuito de maximizar o poder de combate e de facilitar as funções de combate logística e inteligência, a Força Principal deverá priorizar seu emprego em áreas urbanas, em detrimento de áreas rurais. E nesse contexto, há uma real necessidade de se aperfeiçoar a capacidade da Força Terrestre de mobilizar, articular e movimentar as tropas para suas Áreas de Responsabilidade.

A conveniência de se internar a Força Principal em uma localidade, descaracterizando a tropa junto à população, tornando-a uma ameaça difusa ao invasor, traz consigo a exigência de adoção de técnicas, táticas e procedimentos não convencionais. Dessa forma, a fim de contribuir com a Estória-Cobertura das células, a Força Principal não permanece com as armas de apoio de fogo orgânico continuamente, propõe-se o seu pré-posicionamento em cachês (depósitos secretos).

A atuação da Força Principal incidirá em objetivos com atrativo operacional para o Invasor e que lhe assegurem o efetivo controle da área. Por consequência,

com o intuito de obter vantagem relativa contra o inimigo, preconiza-se ações clandestinas, sem se engajar decisivamente, com incursões, emboscadas, emprego de caçadores e operações de inquietação com o propósito de tirar a vontade de combater do inimigo.

Cabe ressaltar, que para se desenvolver essas capacidades, e torná-las viável, é de fundamental importância que se aprimore o adestramento dos Batalhões de Infantaria de Selva. Da mesma forma, devem ser inseridos nas Escolas de Formação de Ensino Bélico do Exército Brasileiro, principalmente na Academia Militar das Agulhas Negras e Escola de Sargentos das Armas, o assunto em tela.

Com isso, conclui-se que a presente pesquisa contribuiu para a compreensão do emprego do Batalhão de Infantaria de Selva, como Força Principal, para a conquista dos objetivos de sua Área de Responsabilidade em uma situação de Estratégia da Resistência.

Por fim, é possível prognosticar que a concepção de um novo manual de campanha, no nível tático, acerca do tema Movimento e Manobra do Batalhão de Infantaria de Selva no Combate de Resistência, se apresenta como uma necessidade para evolução da Doutrina Militar Terrestre, em específico no ambiente operacional de selva.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: **Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2011.

ARAÚJO, Mario Lucio Alves de. Operações no amplo espectro: novo paradigma do espaço de batalha. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**. Brasília, Brasil, ano 001, ed 001, p. 16-27, 1. trim. 2013.

BRASIL. Exército. **C 20-1: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2003b.

_____. _____. **IP 72-1: Operações na Selva**. 1. Ed. Brasília: EGGCF, 1997.

_____. _____. **EB20-MF 10.103: Operações**. 4. ed. Brasília, DF. 2014b.

_____. _____. **EB20-MF 10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF. 2014a.

_____. _____. **EB20-MC 10.203: Movimento e Manobra**. 1. ed. Brasília, DF. 2015.

_____. _____. **EB20-MC 10.210: Combate de Resistência**. 3. ed. Brasília, DF. 2014.

_____. _____. **C 72-20: Batalhão de Infantaria de Selva**. 1. ed. Brasília, DF. 1997.

_____. _____. **Portaria Nº 197-EME, de 26 de setembro de 2013**. Aprova as Bases para a Transformação da Doutrina Militar Terrestre. Brasília, DF, 2013c.

_____. _____. **Portaria Nº 1253, de 05 de dezembro de 2013**: aprova a Concepção de Transformação do Exército. Brasília, DF, 2013c.

_____. _____. **Processo de Transformação do Exército Brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF, 2010e.

BRASIL. Ministério da Defesa. **EB20-MF 10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF. 2014a.

_____. _____. **MD33-M-02 Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**, Brasília, DF, 2008.

_____. _____. **MD 33-M-09: Doutrina e Emprego Combinado na Estratégia da Resistência.** 1. Ed. Brasília: EGGCF, 2007.

BRINGEL, Luiz Alberto Martins. **A Estratégia da Lassidão.** *Military Review.* Fort Leavenworth (EUA), v. 65, n. 4, p. 18-22, 4º Trim. 1995.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** Rio de Janeiro: ed. EsAO, 2007;

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7ª. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NEVES, E. B; DOMINGUES, C. A. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.

VON DER HEYDT, Friedrich August. **A guerra irregular moderna: em políticas de defesa e como fenômeno militar.** 1. ed. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1990.

UNITED KINDON. **Army Field Manual. Army Code 71749: Counterinsurgency Operation (Strategic and Operational Guidelines).** London. 2001.

UNITED STATES OF AMERICAN. Department of the army. **FM 3-05.130: Army Special Operation Forces Unconventional Warfare.** Washington, DC, 2008.

_____. _____. **FM 3-24.2: Tactics in Counterinsurgency.** Washington, EUA: 2006.

_____. _____. **A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century.** Washington, DC. 2007.

APÊNDICE B – SOLUÇÃO PRÁTICA

PROPOSTA DE TEXTO PARA ACRESCENTAR AO MANUAL EB20-MC-10.210 – O COMBATE DE RESISTÊNCIA

LOCAL A SER INSERIDO: CAPÍTULO VI, ITEM 6.5 – A FUNÇÃO DE COMBATE INTELIGÊNCIA

6.5.8 – AÇÕES DENTRO NA FUNÇÃO DE COMBATE INTELIGÊNCIA A SEREM REALIZADAS PELAS UNIDADES

6.5.8.1 - A seção de inteligência é onde se planeja as atividades de inteligência na unidade, sendo a principal responsável por cumprir as diversas etapas previstas nos manuais voltados para a inteligência militar e deverá realizar as seguintes ações:

- a) Realizar de exame de situação de inteligência, com ênfase em considerações civis.
- b) Montar a rede de apoio de informantes, força de sustentação e prováveis elementos que possam vir a serem aliados da força invasora, em coordenação com elementos de forças especiais, elementos de inteligência em reforço e a força marupiara.
- c) Elaborar os planos de reconhecimento.
- d) Coordenar as ações de inteligência, operando, em coordenação com os elementos especializados e a Força Marupiara, a rede de informantes.
- e) Realizar o levantamento estratégico de área do batalhão.
- f) Levantar as necessidades de inteligência dentro de sua área de responsabilidade.
- g) Levantar os elementos essenciais de inteligência (EEI) para as diversas fases do conflito.
- h) Buscar a atualização de cartas da região.

6.5.8.2 – Elementos de reconhecimento da unidade receberão as seguintes atribuições:

- a) Realizar vigilância do inimigo durante a sua aproximação na invasão.
- b) Realizar reconhecimentos durante a fase de preparação (1ª fase), buscando levantar: dados do PITCIC da área de operações, com atenção para as considerações civis e particularidades da região amazônica; locais de cachê de suprimentos e mensagens e locais de apoio à missão (LAM), depósitos clandestinos, reais e falsos; locais para bases de combate; e EEI da chegada da tropa invasora, com ênfase em locais de desembarque e passagem, como atracadouros, portos, pistas de pouso, etc.
- c) Realizar patrulhas de vigilância e reconhecimento durante a aproximação do inimigo.
- d) Reconhecer pontos a serem usados como medidas de coordenação e controle.

6.5.8.3 - A Força Marupiara de cada unidade deverá estar em condições de realizar as seguintes atividades:

- a) Obter dados e informações que alimentem o PITCIC, com ênfase em considerações civis, em coordenação com 2ª Seção.
- b) Atualizar os dados sobre os atrativos operacionais, com ênfase nos pontos de desembarque, passagem e localidades, e os acidentes capitais, alimentando o PITCIC.

- c) Realizar o levantamento os meios de transporte existente na área de resistência, e suas rotas de transporte, capacidade e características, verificando a melhor forma de utilização pelas frações internadas e pela logística de forma dissimulada.
- d) Atualizar e empregar, em proveito da operação, os dados coletados sobre a população, com ênfase sobre lideranças, prestadoras de serviços e comerciantes.
- e) Organizar a rede de informantes, em coordenação com elementos de inteligência e 2ª seção.
- f) Controlar a ações da força de sustentação nas suas missões.
- g) Realizar o levantamento, estabelecer, ocupar e planejar as mudanças de locais de homizio, com posicionamento de locais alternativos, que se confunda com a rotina da população, valorizando as localidades.
- h) Cooperar com a preparação da área de combate do batalhão, por meio de reconhecimentos, levantamentos de pessoas para a força de sustentação, catalogação de recursos locais e levantamento de pontos sensíveis.
- i) Levantar os elementos essenciais de inteligência.
- j) Realizar vigilância sobre elementos de inteligência inimigos.
- k) Levantar as ações realizadas pela tropa invasora.

6.5.8.4 - As Subunidades e Pelotões, dentro de suas limitações, em coordenação com o Estado-Maior do Batalhão deverão:

- a) Reconhecer a sua área de operações, observando, meios e locais de infiltração descaracterizados, os locais de homizio, cachês, depósitos, itinerários, população, apoios, sistema de comunicações, atrativos operacionais e atividades da força invasora, em coordenação com a 2ª Seção.
- b) Realizar o controle da população por meio de operações de Garantia da Lei e da Ordem, antes da invasão.
- c) Posicionar em toda a área de operações os simulacros que possam iludir os sensores das forças invasoras.
- d) Estabelecer eficiente sistema de contra inteligência, por meio de:
 - Utilização de um sistema de comunicações com segurança (considerar a possibilidade de emprego de meios civis, rádios, cachês de mensagem).
 - Estabelecimento de medidas de segurança para o emprego dos meios, segurança das suas instalações e dissimulação da tropa.
 - Emprego técnicas de vigilância, despistamento, contra-rastreamento, cobertura de ponto e comunicações sigilosas em todas as suas ações.
 - Levantamento dos EEI determinados pelo batalhão em suas ações nas suas áreas de responsabilidade.